

SELEÇÕES EM FOLHA



Número atrasado: 3 selos de R\$ 0,22 Assinatura até 12.98: 12 selos de R\$ 0,22

Ano 2 N° 03 «««»»» 10.03.98

Impresso na lombada, o primeiro verbete da Britannica é Ceará. Mas lá não há nenhuma referência ao Beco dos Pocinhos ao Palacete do Plácido ao baobá do Passeio Público ao Pequeno Grande à piscininha da Praia de Iracema à Praça do Ferreira ou à Avenida Dom Manuel.

Muito menos a meu velho cachorro, o Sheik.

The New Enciclopédia Britânica, Sérgio Telles

Qué alma tan blanca, dicen, la de aquel noble pastor. Su piel tan negra, dicen, su piel tan negra de color, era por dentro nieve, azucena, leche fresca, algodón. Qué candor. No había ni una mancha en su blanquísimo interior.

(En fin, valiente hallazgo: "El negro que tenía el alma blanca", aquel novelón.)

Pero podría decirse de outro modo: Qué alma tan poderosa negra la del dulcíssimo pastor. Qué alta pasión negra

ardia en su anecho corazón. Qué pensamientos puros negros su grávido cerebro alimentó. Qué negro amor, tan repartido sin color.

¿Por qué no, por que no iba a tener el alma negra aquel heroico pastor?

Negra como el carbón.

¿Qué color? (Jornal El Mundo, 11.04.68), Nicolás Cristóbal Guillén Batista (1902/1989)

Só aos sábios o reveles, pois o vulgo zomba logo: quero louvar o vivente que aspira à morte no fogo.

Na noite em que te geraram, na noite que geraste, sentiste, se calma a luz que alumiaava, um desconforto bem triste.

Não sofres ficar nas trevas onde a sombra se condensa. E te fascina o desejo de comunhão mais intensa.

Não te detém as distâncias, ó mariposa! e nas tardes, ávida de luz e chama, voas para a luz em que ardes.

"Morre e transmuda-te:" enquanto não cumpres esse destino, és sobre a terra sombria

qual sombrio peregrino. Como vem da cana o sumo que os paladares adoça, flua assim da minha pena, flua o amor o quanto possa.

Anelo, J. Wolfgang Goethe (1749/1832) trad.: Manuel Carneiro de Souza Bandeira (1886/1968)

Albahaca tronchada.

Sobre la rama calla la cigarra.

Un átomo de ruido há caído en el agua, y ha engendrado una onda perfecta y elástica.

Luz en tamiz de plata.

Quietud, Jose Maria Hinojosa (1904/1936)

Portugal, tão pequenino – cristã Península Ibérica – mesclando aúdcia e bom tino fez grande o Brasil na América!

Fernando Lopes de Almeida Soares

Ó ondas do mar salgadas de onde vos vem tanto sal? Vem das lágrimas choradas nas praias de Portugal...

João Alfredo Correia de Oliveira (1835/1919),

citada em Miçangas, Afrânio Peixoto (1876/1947). ¡Que altos los balcones de mi casa! Pero no se ve la mar. ¡Que lejos!

¡Sube, sube, balcón mío, trepa el aire sin parar: sé terraza de la mar, sé torreón de navío!

– ¿De quién será la bandera de esa torre de vigía?

– ¡Marineros, es la mía!

¡Que altos!..., Rafael Alberti

Oia, a alegria, este pavão vermelho, está morando em meu quintal agora. Vem pousar como um sol em meu joelho quando é estridente em meu quintal a aurora.

Clarim de lacre este pavão vermelho sobrepuja os pavões que estão lá fora. É uma festa de púrpura e o assemelha a uma chama do lábaro da aurora.

É o próprio doge a se mirar no espelho e a cor vermelha chega a ser sonora neste pavão pomposo e de chavelho.

Pavões lilases possui outrora. Depois que amei este pavão vermelho, os meus outros pavões foram-se embora.

de Sonetos Pavônicos, Sosigenes Costa

Seleção Carlos Felipe Moisés

Taller de Haiku "Grupo Seibu", profesora Liria Miyakawa; Asociación Japonesa Seibu:

II HAIJINS ARGENTINOS II
Seleção de Maria Haydee Aguilar Campos

Mendoza 270 – Morón (1708), Buenos Aires, Argentina; fones 585-2022 – 666-2402

La cruz del Sur clava sus nazarenas en mis exilios. Lia Miersch

Sendas de luna, las huellas nacaradas de un caracol. Liria Miyakawa

Bisturí de oro. Resquicio en el postigo hendió la sombra. Manuel Asorey

Zapatos viejos desandando caminos. Cuántas historias! Maria Celia C. de Casanova

Domado el potro. Allá en la lejanía. Pampa perdida. Maria Haydee Aguilar Campos

crepúsculo temprano crisantemos en flor. Maria Haydee Aguilar Campos

Un pensamiento oscuro buscando el agua. Mónica Viviana Asorey

Calla el cencerro y empieza la faena. Duerme el lucero. Rómulo Cartagénova

Hilos de plata trnsitando montañas, frío y dolor. Susana de Luna

KIDAI S DE OUTONO

Xaxim esquecido, seco, amarrado no tronco orquídea na caixa. Alba Christina Campos Netto

Notícia hiperbólica causando um susto danado. 1º de abril. Fernando Vasconcelos

O tanque na praça tinge-se de rosa à sombra da paineira... M. U. Moncam

Entre tantas verdes, com ar de quem mais viveu, folha amarelada. Manoel Fernandes Menendez

Goiaba da época cherosa, verde e rosa... Cheia de surpresas! Maria de Jesus Baptista de Mello

Só do do meio ri... Três enfrentam o toró num só guarda-chuva! Luis Koshitiro Tokutake

Termina o toró. No silêncio que se segue, ouve-se a goiteira. Maria Reginato Labruciano

No sertão deserto mandacaru na paisagem quebra a solidão. M. U. Moncam

Depois de um toró, a beleza do arco-íris ornamenta o céu. Leda Mendes Jorge

Chega um cartão postal. Vem de bem longe e diz: "Feliz Páscoa, Vovó!" Alberta Canedo Gomes dos Santos

E no pé frondoso, a fruta, parece flor. Goiabiã madura. Haroldo Rodrigues de Castro

Nas prateleiras, centenas de ovos de páscoa. Pobre menino... Helvecio Durso

Jornal da TV: "A qualidade do ar, ótima" Primeiro de Abril. Maria Reginato Labruciano

até o dia 10.04.98: Arapuca, Dia da Poesia, Girassol.

Após o toró, sobre o casbre caído um céu azulado. João Elias dos Santos

Reisado nas ruas e as casas iluminadas. Visita esperada. Darly A. de Oliveira Barros

Toró no telhado: cântico da natureza a enlutar meu sono... Senata Paccola Frischkorn

Noite de Reisado. Pés claudicantes ensaiam a dança da fé. Teruko Fujino Oda

Domingo de Páscoa. Num mundo de faz de conta, coelho bota ovo. Cecy Tupinambá Uihóa

Semana de Páscoa! Docz mensagem, em nossa alma, de amor e de vida. Humberto Del Maestro

Nenhum chocolate. Só dogueto versos brancos, domingo de Páscoa. Olga Amorim

Cafezal florido... lembrando o café, já sinto água na boca. Olíria Alvarenga

até o dia 10.05.98: Descoberta do Brasil, Folha Amarelada, Libélula.

Reisado no manguê tem mandacaru no vaso. Casa nordestina. Sergio de Jesus Luizato

Chove no sertão, mandacaru cria flor. A sea acabou. Cecy Tupinambá Uihóa

Enfeitá a caatinga – mandacaru, verdejante! Herói do Nordeste. Edelice Edna Costa de Carvalho

Sertão nordestino... Se mandacaru floresce, a chuva não tarda. Humberto Del Maestro

Galo rubro, furioso, esporeando só, entre flores... Cristas-de-galo! Douglas Eden Brotto

Batuque no bico. Papagaio pilão mastiga goiaba. Larissa Lacerda Menendez

Na ponta vermelha um pojo branco se move. Bicho de goiaba. Sérgio Bernardo

Domingo de páscoa o Senhor ressuscitou. Tímulo vazioso. Salma Lasmar Duarte

* Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

Chove no sertão, mandacaru cria flor. E o toró desaba... Anália Marie Gerda Bornheim

Ao som da viola... contente dança o reisado. É seis de janeiro! Olga dos Santos Bussade

No meio do pó a flor do mandacaru sinaliza vida... Darly A. de Oliveira Barros

Léguas de chão seco. Mandacaru precavido vive de reservas. José Neres Reis

Sabor de Brasil na pureza do café: que doce delecte. Edmar Japiassú Maia

Primeiro de abril: pés de Curupira deixam pegadas na areia. Leda Mendes Jorge

Orquídea amarela: paro, admire... toco. O guarda me olha. Sergio de Jesus Luizato

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 de mês seguinte. Clície Maria Angélica Pentes:

Sendo muito valorizado no haikai, o leitor tem um "espaço", uma brecha no poema, para ser preenchido com total liberdade, as emoções não lhe são impostas, não se transmite máximas, o haikai não é conceitual. O leitor é o co-autor do poema, que o re-descobre a cada momento em que o lê – "o poeta acende a chispa e o leitor prossegue viagem".

O céu escurece. Trovões... relâmpagos... raios. Desaba o toró. Olga dos Santos Bussade

Na cidade escura, o vento beija os telhados... E o toró desaba... Anália Marie Gerda Bornheim

O tempo está firme. De repente um corre-corre... Toró no sertão. Humberto Del Maestro

Final do reisado. Lamentam os cantadores: "O meu bói morreu". José Neres Reis

Olho a vida ao meu redor, louvo o Criador. Domingo de Páscoa. Djaldá Winter Santos

Dia da Mentira, minha sogra, minha amiga... 1º de Abril! João Batista Serra

Na ponta vermelha um pojo branco se move. Bicho de goiaba. Sérgio Bernardo

3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

Desaba o toró... Os bueiros entupidos: – Um lago no asfalto! Mariemy Tokumu

Final do reisado. Lamentam os cantadores: "O meu bói morreu". José Neres Reis

Desaba o toró! As nuvens no empurra-empurra... acabam chorando... Eryc Maria Marques de Faria

Toró matinal. Nascem nas trilhas dos pastos centenas de córegos. José Neres Reis

Páscoa. Cedo, a criança procurando pelos ovos em doce anarquia. Eduardo Lopes Vieira

Galinha ansanhada corteja cristas-de-galo namorando o sol. Leonilda Hilgenberg Justus

Primeiro de Abril. Tentei, mas não consegui... Eu nunca menti! Luís Koshitiro Tokutake

Um santo grisalho, José, conduzem com fé... – Dia do Trabalho. Fernando Lopes de Almeida Soares

Primeiro de Abril. Tentei, mas não consegui... Eu nunca menti! Luís Koshitiro Tokutake

Orquídea amarela: paro, admire... toco. O guarda me olha. Sergio de Jesus Luizato

Um santo grisalho, José, conduzem com fé... – Dia do Trabalho. Fernando Lopes de Almeida Soares

Primeiro de Abril. Tentei, mas não consegui... Eu nunca menti! Luís Koshitiro Tokutake

Orquídea amarela: paro, admire... toco. O guarda me olha. Sergio de Jesus Luizato



Kigos para os três haicais a serem enviados

até o dia 10.04.98: Arapuca, Dia da Poesia, Girassol.

até o dia 10.05.98: Descoberta do Brasil, Folha Amarelada, Libélula.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal, o kigo. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Enviá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 de mês seguinte.

Clície Maria Angélica Pentes:

Sendo muito valorizado no haikai, o leitor tem um "espaço", uma brecha no poema, para ser preenchido com total liberdade, as emoções não lhe são impostas, não se transmite máximas, o haikai não é conceitual. O leitor é o co-autor do poema, que o re-descobre a cada momento em que o lê – "o poeta acende a chispa e o leitor prossegue viagem".

UM AMIGO EM APUROS

William Somerset Maugham
Obras Completas, Cuentos; José Janés Editor, Barcelona, 1950

Há trinta anos venho estudando a meus semelhantes, mas nem por isso sou capaz de dizer que os conheço bem.

Sem dúvida vacilaria em pegar um servente, por exemplo, guiando-me tão somente pela sua cara e, todavia, quase sempre nos guiamos pelo rosto para formar um juízo sobre as pessoas que encontramos em nosso caminho. Chegamos inclusive a fundamentar conclusões umas vezes pela forma da mandíbula e outras pelo olhar ou pela boca, e me pergunto se serão mais as vezes que acertamos ou as que nos equivocamos.

A razão pela qual certas novelas e obras teatrais não refletem a miúdo a vida real é precisamente porque seus autores, talvez por necessidade, criam caracteres condicionados a suas conveniências pessoais. Não podem permitir que pareçam contraditórios a si mesmos, porque então resultaria incompreensível. Contudo, na maioria dos casos somos diferentes do que aparentamos ser. A humanidade se compõe de um montão de seres reunidos ao azar com caracteres incompatíveis.

Ao ler um tratado de lógica pode-se estar de acordo em que resulta absurdo, desde qualquer ponto de vista, dizer, por exemplo, que a cor amarela é cilíndrica, ou que a gratidão é mais pesada que o ar; mas seria possível que essa mescla de absurdos que compõem o amarelo estivesse formada por um carro com cavalo, e que a gratidão fosse representada como a metade da semana. Por isso encolho os ombros quando a gente me diz que suas primeiras impressões são sempre infalíveis. Presumo que devem ter ou pouca perspicácia ou muita vaidade. Por minha parte, verifico que quanto mais pretendo conhecer as pessoas mais me intrigam. Posso assegurar que são precisamente minhas amizades mais antigas as que desconheço em absoluto. Estas considerações ocorrem em minha mente por ter lido nos jornais da manhã que meu amigo Edward Burton faleceu em Kobe. Era um comerciante que tivera bens no Japão durante muitos anos. Ainda que me havia relacionado pouco, o indivíduo me interessava, e, em certa ocasião, surpreendeu-me.

Não houvesse ouvido o relato de seus próprios lábios, jamais acreditaria capaz de tal coisa. E resultou ainda mais espantoso porque sua aparência e seus modos habituais não fizeram suspeitar sua verdadeira índole.

Aqui nos encontramos verdadeiramente ante a pessoa da qual se pode ver somente o rosto.

Era de baixa estatura, pois mal chegava a um metro e sessenta, muito magro, de cabelo grisalho, cara bastante enrugada e olhos azuis. Teria uns sessenta anos quando o conheci. Sempre ia elegantemente vestido, mas sem ostentação, como convinha a sua idade e a sua posição social. Apesar de ter seus escritórios em Kobe, Mr. Burton costumava ir freqüentemente a passeio em Yokohama.

Eu me encontrava casualmente neste porto enquanto esperava um vapor, e me foi apresentado no Clube britânico. Jogávamos bridge. Era um excelente e nobre jogador; não falava muito em tais ocasiões, nem tão pouco a seguir, quando costumávamos passar para o bar, mas o pouco que dizia era sensato. Seu caráter era o que podia se chamar seco e tranqüilo. Parecia ser muito popular dentro e fora do clube, e o consideravam como um grande companheiro.

Por estranha casualidade, ambos nos hospedávamos no Grande Hotel. No dia seguinte de nossa apresentação mandou-me um convite para comer com ele. Apresentou-me sua esposa, uma senhora gordinha, de mediana idade e bastante risonha, e às duas filhas. Parecia ser um família muito unida e carinhosa. O que mais me chamou a atenção em Burton foi seu bondadoso caráter. Além disso, havia algo muito agradável em seus suaves olhos azuis.

Sua voz era de um doçura encantadora, e não se poderia pensar nem remotamente que pudesse elevá-la em um acesso de cólera. Seu sorriso, também agradável, contribuía para fazer dele um homem simpático, que parecia demonstrar um afeto sincero pelos seus semelhantes.

Nada nele repelia. Gostava de jogar cartas e tomar um bom coquetel, e contava historietas com graça burlesca. Em sua juventude tinha sido um grande desportista. Era um homem rico, tendo ganho com seu trabalho até o último

centavo que possuía, e creio que um dos motivos de que fosse tão atrativo era sua pequenez e a fragilidade de seu aspecto. Dava a sensação de que não podia causar dano nem a uma mosca.

Certa tarde, antes do terremoto, achava-me sentado em um dos sofás atapetados de *tafilete* do vestibulo do Grande Hotel. Desde as janelas podia se observar o porto, com seu grande trânsito para Vancouver e São Francisco, ou a Europa via Xangai, Hong-Kong e Singapura. Havia ali veleiros de todas as nacionalidades, amassados e bastante estropiados pelos efeitos do mar; barcaças de elevadas popas e grandes e primorosos velames e numerosos juncos, típicas grandes lanchas da China. Era em conjunto uma cena buliçosa e alegre, cuja contemplação, todavia, convidava ao repouso espiritual.

De pronto se apresentou Burton no salão, e ao notar minha presença sentou-se a meu lado.

– Tomamos algo?

Chamou o garçom e pediu dois *gin-fizzes*. Naquele momento deu de passar pela porta da rua um homem que me saudou ao ver-me.

– Você conhece Turner? – perguntou-me Burton ao ver que correspondia à saudação.

– Encontrei-o no clube. Disseram-me que é um boa vida.

– Sim, creio que é. Se vê muitos tipos como ele por estes lugares.

– Joga muito bem o bridge.

– Geralmente, todos são bons jogadores. O ano passado havia por aqui um indivíduo desses, que por casualidade tinha meu mesmo sobrenome e que resultou ser o melhor jogador de bridge que jamais conheci. Suponho que não tenha se encontrado nunca com ele em Londres. Fazia-se chamar por Lenny Burton, e creio que deve ter sido sócio dos melhores clubes.

– Parece-me que não ouvi nunca esse nome – confirmei.

– Era um notável jogador. Parecia possuir um instinto particular e quase misterioso para manejar as cartas. Jogávamos juntos muito a miúdo, pois passava em Kobe uma temporada.

De vez em quando, Burton se interrompia para tomar com deleite um sorvo de seu copo.

– De certo modo – continuou –, é um conto gracioso. Não era um mal tipo, e eu o apreciava bastante. Vestia-se sempre com elegância, e era um bom moço, com seu cabelo crespo e suas maçãs ligeiramente rosadas. As mulheres o perseguíam. Carecia de maldade. Unicamente era algo brincalhão e bebia demasiado. Essa classe de gente é sempre igual. Recebia a cada trimestre uma dotação da sua família, e com outro pouco que ganhava jogando cartas se arrumava. O único que posso assegurar é que de mim ganhou bastante dinheiro, e, certamente, não o lamento.

Burton sorriu levemente. Eu sabia por experiência que não lhe impressionavam as perdas. Seguiu acariciando seu bem barbeado rosto com sua mão delgada, em que as veias ressaltavam-se tanto que parecia quase transparente.

– Talvez fora isso o que fez com que se lembrasse de mim e tenha ido saudar-me quando se encontrou em apuros; isso, e talvez também o feito casual de ser meu homônimo. Certo dia se apresentou em meus escritórios a pedir-me um emprego, o que me colheu de surpresa. Manifestou que já não lhe enviavam sua dotação e que necessitava trabalhar. Perguntei-lhe que idade tinha.

– Trinta e cinco anos – respondeu-me.

– E em que se ocupou você até agora?

– Poderia dizer que nada em particular.

– Não pude menos que pôr-me a rir.

– Lamento não poder fazer nada por você neste momento – disse-lhe. Venha ver-me dentro de outros trinta e cinco anos, e então verei o que posso fazer.

“Ficou imóvel e logo empalideceu, titubeando. Depois me disse que ultimamente tinha se dado mal no jogo. Havia optado pelo pôquer em lugar do bridge, e o haviam esgotado, encontrando-se sem um centavo. Tinha já empenhado tudo quanto possuía, e não podendo pagar a pensão em que se hospedava negavam conceder-lhe mais crédito. Em fim, achava-se completamente derrotado, e se eu não podia dar-lhe alguma ocupação teria necessidade de tomar uma trágica resolução. Isto equivalia ao suicídio.

“Mirei-o fixamente e pude comprovar que estava completamente desfeito. Tinha bebido mais da conta, e aparentava ter pelo menos cinqüenta anos.

“Resumindo, perguntei-lhe:

– Diga-me, não sabe você fazer outra coisa que jogar cartas?

– Sei nadar – respondeu-me rapidamente.

– Nadar!...

“Não dava crédito aos meus ouvidos, tão insensata me pareceu sua resposta.

“Fui representante de minha universidade nas competições de natação – disse-me.

“Pesei o que queria me dizer, porque conheci em minha vida a tantos indivíduos que eram tidos por semideuses em suas universidades, que não podia impressionar-me seu relato.

– Eu também fui bastante bom nadador em minha juventude – falei-lhe.

“E de pronto ocorreu-me uma idéia.

Burton se deteve e voltando-se até mim perguntou-me:

– Já esteve em Kobe?

– Não, – respondi-lhe. Quer dizer, passei por ali uma vez, mas não me detive senão uma só noite.

– Então não conhecerá o Clube Shioya. Quando rapaz nadei em uma ocasião desde ali dando a volta pelo farol, até o cotovelo do Tarumi. É um trajeto de algo mais que três milhas, cheio de dificuldades por causa da corrente que há à volta do farol. Em fim, contei isso ao meu amigo com pormenores, e lhe disse por último que se ele fizesse o mesmo lhe daria um emprego. Observei que se desconcertava.

– Você assegura que é um bom nadador – disse-lhe.

– Certo – confirmou-me –, mas creio que não estou em condições de tentar uma empresa de tal importância nesta situação.

“Não contestei, limitando-me a encolher os ombros. Mirou-me fixamente uns instantes e logo, fazendo com a cabeça um gesto afirmativo, disse-me:

“Perfeitamente. Quando quer que o faça?

“Aquele trajeto poderia cobrir-se aproximadamente em uma hora. Contestei-lhe:

– Irei de carro até o cotovelo do rio. Espero-o lá às doze e um quarto. Levá-lo-ei logo ao clube para que se vista e almoçaremos juntos.

– Aceito – contestou-me.

“Eram apenas dez. Apertamos as mãos, desejei-lhe boa sorte e se retirou. Quase me foi impossível chegar ao ponto convencionado às doze e meia. Mas não foi necessário que me apressasse, porque não apareceu, e pensei que talvez tivesse renunciado no último momento. Mas não, não se havia acovardado. Começou bem, mas a bebida e a dissipação haviam arruinado sua saúde e as fortes correntes acabaram por vencer sua resistência. Encontramos o cadáver três dias depois...

Senti-me tão impressionado que não pude dizer uma palavra durante uns momentos.

Logo lhe perguntei:

– Quando você lhe fez aquela oferta, sabia que poderia afogar-se?

Sorrindo quase imperceptivelmente, e mirando-me com seus suaves e cândidos olhos azuis, disse-me:

– Sim, porém no momento não tinha nenhuma vaga em meu escritório.

Hai-cai s.m. Pequena composição poética japonesa, de dezassete sílabas, em que o poeta canta exclusivamente, de maneira suave e delicada, as variações da natureza e a sua influência na alma do autor. Tem caráter de um verdadeiro esboço. O lirismo insinua-se mais do que se expõe. A grande época do hai-cai iniciou-se a partir do século XVI. A arte de sugerir as cousas sem verdadeiramente as expressar, atingiu a sua maior perfeição com Matsuo Baso (1644-1694), de quem damos esta tradução: “Se se aplicasse / um cabo à lua, / que bela ventarola”; outro de Ciio (1703-1775): “O caçador / de libélulas, onde / estará ele hoje?”.